



Manuela Matos Monteiro

PERFIL

Maria Elvira Vieira Pereira Leite Policarpo nasceu no Porto em 1936, tendo-se licenciado em Pintura na Escola de Belas-Artes do Porto em 1962. Foi professora no ensino básico e secundário entre 1963 e 2000. Ainda no âmbito do ensino, foi professora convidada de Didáctica Específica, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, de 1989 a 2003.

Entre outras actividades, foi programadora, coordenadora e orientadora de acções de formação, sobre criatividade e técnicas, para mulheres migrantes portuguesas residentes na Alemanha, Bélgica, França Luxemburgo,

módulos de um curso implementado pelo Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, de 1977 a 1990. Foi conselheira sobre educação artística no país e em países de língua portuguesa, nomeadamente em Timor, Cabo Verde e Angola.

Integrada no projecto GETAP (Gabinete de Educação Tecnológica, Artística e Profissional), coordena o projecto de implementação do curso de Artes e Ofícios na Escola Industrial de Mindelo, Cabo Verde, em 1986-88.

Desenvolveu actividade como consultora em várias instituições: na Fundação para o Desenvolvimento do Vale de Campanhã (de

1998 a 2002), no Serviço Educativo do Museu Soares dos Reis (de Outubro de 2000 a 15 de Outubro de 2001), no Centro Regional de Artes Tradicionais, CRAT (2003). É desde 1999 consultora do Serviço Educativo na Fundação de Serralves.

Tem publicadas várias obras em regime de co-autoria, destacando-se nos últimos cinco anos: *Nos Trilhos da Área de Projecto*, *À Descoberta de Serralves*, *Arte e Paisagem*, *Serralves*, *Projectos com Escolas*. Em 2005, publica *Espaço Prática Criativa*.

Recebeu a grande-oficial da Ordem Infante D. Henrique, em Maio de 2004.

ENTREVISTA COM...

Elvira Leite

É a sua energia contagiante, o seu optimismo e empenho que mais impressionam quando se contacta com Elvira Leite. A sua convicção de que a arte é essencial para o equilíbrio das pessoas e da sociedade explicam, em grande parte, a sua história de vida, que se fez e se faz com as escolas.

Depois de ter um excelente início de carreira como artista plástica, o que a levou a interessar-se mais pela educação artística?

Logo depois de me ter sido atribuído o Prémio Nacional de Pintura, em 1968, houve motivos que condicionaram a prática artística; deixei o *atelier* embora o retomasse muito mais tarde. Naquela época era difícil viver da arte e eu queria tornar-me economicamente independente da família. Foi quando fiz a minha opção.

Porque decidiu ser professora?

Para os alunos de Belas-Artes a docência era uma espécie de predestinação. Depois, o mestre Júlio Resende nas suas aulas fez uma abordagem à educação artística e propôs que os seus alunos criassem oficinas de arte para as crianças do Bairro de S. Vítor. Fiquei motivada, os miúdos adoraram. Quando comecei a dar aulas senti-me “como peixe na água”.

Realizava-se profissionalmente como professora?

Sim e não. Empenhava-me, tinha gosto no meu trabalho e as crianças correspondiam plenamente às minhas propostas, mas a escola não facilitava a prática criativa; as capacidades técnicas eram mais relevantes, talvez porque mais fáceis de avaliar.

Entretanto, comecei a fazer experiências fora do espaço escolar e a investigar por conta própria. A educação pela arte era algo que me merecia uma especial atenção. Faziam-se algumas experiências interessantes no país, eu estudava-as e tudo isto me levou longe. Visitei Arno Stern, Viktor Lowenfeld, mais tarde Bruno Munari... e, depois, fui sempre acompanhando a evolução das teorias, dos conceitos, das práticas e, é claro, das crianças. Por conta própria, saí do país para buscar alimento em seminários e congressos internacionais, na Jugoslávia, em França... Como bolsista da Fundação Gulbenkian fiz estágios em instituições culturais de referência. Mas sempre que regressava à nossa escola encontrava-me em turmas com cerca de 40 alunos e tinha de enfrentar a

ideia generalizada de que o sucesso ou insucesso dos alunos na matéria era uma questão de ter ou não ter jeito para o desenho, sendo que as disciplinas artísticas, na época, eram consideradas, pela comunidade educativa, como de menor relevância no currículo escolar.

E o que fez?

Criei espaços alternativos para a prática criativa, dentro e principalmente fora da escola, envolvendo crianças, adolescentes, adultos sem formação artística numa dada fase, integrando crianças e jovens com problemas psíquicos e psicomotores, com dificuldades de inserção social. Na experiência artística todos se realizavam e não dispensavam a oficina nas suas vidas. Esta experiência era partilhada com a equipa que comigo se envolvia neste projecto (Manuela Malpique, Luísa Dacosta e António Pascoal). Este laboratório que, numa primeira fase, durou mais de 10 anos, foi interrompido em 1976 para me dedicar a projectos de envolvimento comunitário e outros.

Como justifica esse seu entusiasmo pela disseminação da educação artística?

A arte faz falta às nossas vidas. Acredito que qualquer pessoa encerra em si um potencial artístico inexplorado; que a experiência artística é uma mais-valia cultural que pode potenciar a auto-realização e



intervir positivamente na relação indivíduo/sociedade. A arte reconstitui a unidade do ser humano – corpo/espírito, inteligência/sensibilidade, e isto é um valor inestimável.

Consultando o seu currículo verifica-se que trabalhou fora do país.

Sim. Estive com projectos em Timor, Cabo Verde e em comunidades de emigrantes, espalhadas pela Europa. Recordo uma oficina que se chamava “Saberes antigos, perspectivas novas”; outra, “Criatividade e técnicas”; enfim, o público era feminino e pretendia-se uma formação para uma melhoria de vida e melhor integração no país de acolhimento. Foram experiências muito marcantes.

Recorda algum projecto em especial?

O 25 de Abril marcou uma nova etapa; dessa época recordo o primeiro projecto: a criação de uma oficina das artes para crianças dos 4 aos 14 anos. Desenvolvida semanalmente, a oficina durou cerca de um ano no Largo de Pena Ventosa, Bairro da Sé. Como não havia um espaço coberto para trabalhar habitou-se a rua. Havia desníveis, escadas e patamares, uma fonte de água e as casas que nos rodeavam recolhiam, ao fim do dia, todo o material. Havia mães costureiras, pais marceneiros, pintores de automóveis, avós com saberes tradicionais... Todos colaboravam. Os materiais e equipamentos eram fornecidos por mim, pela escola pública onde leccionava, por uma

“A arte faz falta às nossas vidas; a experiência artística contribui para o equilíbrio da pessoa e da sociedade”

empresa de tintas e pelas pequenas oficinas situadas na proximidade do bairro. Nessa época havia um enorme sentimento de solidariedade.

Ao longo da minha vida fui concebendo e participando em projectos promovidos por instituições culturais, envolvendo escolas, mas não na rua!

Hoje está estranhada a ideia de que as actividades artísticas e as aproximações à arte têm uma enorme relevância na educação das crianças e dos jovens. Um sinal é a proliferação de espaços designados para tal.

O que foi recolhendo dessa sua experiência?

O valor dado pelas crianças e pelos jovens à experiência artística quando se abandonam as inibições; constatei que a qualidade das propostas e dos espaços físico e relacional interferem na qualidade das produções, ou seja, dos processos e das produções; que através da experiência artística as crianças e os jovens extravasam a sua energia contida de modo pacífico; que a criatividade desenvolve-se na acção; que as crianças gostam e sabem empenhar-se em projectos.

Acha que a educação artística é, hoje, valorizada?

Creio que há, na sociedade em geral, uma maior compreensão e aceitação

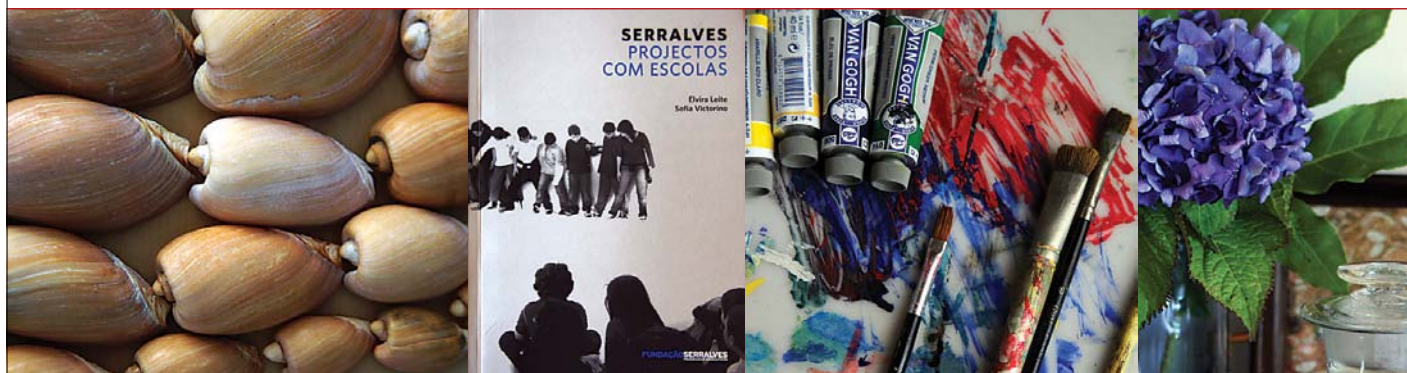
do seu valor formativo. Hoje reclama-se a necessidade de desenvolver no ser humano a inteligência sensível. “A arte faz falta às nossas vidas; a experiência artística contribui para o equilíbrio da pessoa e da sociedade”, etc. A educação cultural está na ordem do dia e diz-se repetidamente que é urgente criar novos centros de interesse nas crianças e nos jovens. Isto entranha-se! Há relatos interessantíssimos de educadores, professores e agentes culturais sobre trabalho com crianças e eu fico feliz.

Foi uma das pioneiras do trabalho de projecto na escola portuguesa. Porquê este seu interesse?

Nos anos 80 fui motivada por excelentes pedagogos estrangeiros. Com eles aprendi praticando. Desde então tenho a convicção de que num bom trabalho de projecto é preciso pensar; revela-se a criatividade; na acção resolvem-se problemas; há entusiasmo e partilha; há improviso, sentido de aventura, enfim! A vida sem projectos não tem sentido.

A Fundação de Serralves está a festejar 20 anos de existência. Desde quando é consultora?

Sou consultora desde 1999 e costumo dizer que sou uma



mensageira que circula entre Serralves e a escola. O que faço? Respondo às solicitações das coordenadoras do Serviço Educativo. Participo em reuniões de trabalho, principalmente para debater conceitos, definir estratégias de intervenção; participar na preparação de oficinas, nas acções de formação para professores, nas edições do Serviço Educativo e na configuração do “Projecto Anual com Escolas”.

Devo confirmar que a Fundação de Serralves é um estímulo ao conhecimento, à criatividade e à reflexão.

Na sua perspectiva, qual o papel dos museus? Acha que estão a competir com a escola?

De modo nenhum! A escola é um espaço fechado, de frequência obrigatória para as aprendizagens formais. O museu é um equipamento cultural de livre acesso, ao serviço de toda a população; é um recurso educativo; um pólo dinamizador da cultura contribuindo para a criação de hábitos culturais. O museu não deve nem quer competir com a escola; o museu complementa-a.

Qual é o papel da escola no projecto que referiu?

É o papel principal! O Projecto Anual com Escolas sem a participação e o entusiasmo dos professores e dos alunos não existia! É a qualidade do trabalho realizado por eles que o corporiza e valoriza! Os educadores e professores de várias disciplinas que se inscrevem estão a dizer publicamente que é relevante e possível introduzir esta mais-valia na acção educativa. E que, apesar de tudo – do trabalho que dá, das poucas condições que têm –, estão disponíveis para reconverter em boas práticas o que Serralves lhes oferece. Serralves oferece informação, formação, encontros com a arte, com artistas; fornece materiais... e depois confia no empenho dos professores e no seu bom trabalho com os seus alunos. Agora, o que eu tenho visto é um enorme entusiasmo! A escola está viva.

O que acha de mais relevante nesse projecto?

Despertar o prazer de aprender, a criatividade ligando o pensamento à acção. Possibilitar a integração das diferentes disciplinas dos currículos. Dar visibilidade ao trabalho realizado na escola; isto entusiasma e



responsabiliza. Um outro aspecto relevante é a aproximação de artistas e cientistas, etc., ao projecto intervindo nos seminários para os professores e mesmo na orientação das oficinas temáticas para os alunos realizadas em Serralves.

O projecto faz apelo ao trabalho por projectos sem angústias, sem programações exageradas, despropositadas, que muitas vezes limitam a criatividade dos educadores e das crianças. O trabalho na escola nem sempre é o que se esperava, creio que a qualidade é variável, mas os projectos trazem sempre sinais de que tudo se fez para corresponder aos pressupostos mais relevantes. Muitas mais coisas poderiam ser ditas, mas prefiro que leiam o livro *Serralves, Projectos com Escolas*¹.

Quer deixar uma palavra aos professores?

A todos os professores faço um forte apelo: aproximem-se da cultura, da arte, das artes. Tirem o máximo partido do excelente equipamento cultural que existe e que vos espera. Participem nos programas culturais que vos são dirigidos, apresentem as vossas propostas, mobilizem-se. As crianças e os jovens do nosso país merecem isso. :

¹ LEITE, Elvira, VICTORINO, Sofia, *Serralves, Projectos com Escolas*, Fundação de Serralves, Porto, 2008.

AS ESCOLHAS DE Elvira Leite

LIVRO *O homem que confundia a mulher com um chapéu*, Oliver Sacks; *A infância é um território desconhecido*, Helena Vasconcelos; *Os da minha rua*, Ondjaki; *Um olhar naufragado (Diário II)*, Luísa Dacosta.

POEMA “Amigo”, Alexandre O’Neill, 463 *Tisanas*, Ana Hatherly, *As mãos*, Manuel Alegre. **COR** *O triângulo: amarelo, carmim, cobalto* **VIAGEM** *Viagens longas: Noruega, Peru, e Estados Unidos da América* **FRUTO** *Os de cada época... Dióspiro, cereja, figo, melancia...* **ARTISTA** *Não é pergunta que se faça! Impossível escolher apenas três!!!* Ângelo de Sousa, Joseph Beuys, Lurdes Castro. **MÚSICA** *Sei lá, é conforme a ocasião e a disposição. Como estou exausta só me lembro de “O corpo é que paga!”*, António Variações, *Mas, mais a sério, direi que umas vezes delicio-me com Nabucco de Verdi, outras vezes com Cesária Évora em “Cretcheu di céu”, outras com “Jesus’blood never failed me yet” de Gavin Brayars...*